



## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

<b>Autor/edidor:</b> Katherine Behar, ed.	<b>Cód.:</b>
<b>TÍTULO:</b> Object-Oriented Feminism	<b>Data da ficha:</b>
<b>Editora:</b> University of Minnesota Press	16 de Abril 2018
<b>Ano:</b> 2016	
<b>ISBN:</b> 9781517901097	
<b>Páginas:</b> 280	

### 1. Observações sobre o conteúdo:

#### 1.1. Ficha de leitura (até 7000 ca)

“Object-Oriented Ontology” (OOO) refere-se a uma das vertentes dos chamados “novos materialismos” que têm durante a última década adquirido relevância nas humanidades, chamando à atenção para certos aspetos do plano da matéria, dos corpos e das entidades não-humanas que, no entender destes teóricos, a linguagem, o discurso e a cultura não conseguem fazer justiça. Em particular, os OOO posicionam-se contra o “relacionismo” de Bruno Latour e Alfred North Whitehead autores que ficaram conhecidos por privilegiarem as interações entre os vários tipos de “actores” do mundo material, interações essas que vão tecendo as várias redes e sistemas que constituem o real. Para os OOO, os objetos materiais (entre os quais incluem o ser humano, sujeito mas também objecto como todos os outros) nunca inteiramente se esgotam nas relações que estabelecem com outros objetos (incluindo consigo próprios), resguardando sempre uma parte de si mesmos (a sua dimensão virtual).

“Object-Oriented Feminism” (OOF) define um grupo de académicos/as que problematizam a teoria OOO de uma perspectiva feminista. Interessa-lhes, em particular, interrogar as ideias dos OOO tendo em conta a história de objectivização opressiva das mulheres, das pessoas de cor, dos pobres e do ambiente. Importantes são também o erotismo e as questões éticas e políticas, que quase não são abordadas pelos OOO. Neste contexto, as OOF fazem-se valer de uma atitude poligâmica e interseccionista para com o real, cultivando a contradição dos discursos e a multiplicidade das práticas para contrariar o pendor universalista e teórico dos OOO. Em vez de afirmarem que o mundo é de uma

determinada maneira, as OOF mantêm uma postura experimental, interessando-lhes mais a verdade do fazer, mesmo que esta não leve a nada de conclusivo.

As OOF veem esta viragem para o plano dos objectos como uma lufada de ar fresco face às teorias da subjectividade e da identidade das últimas décadas. Pode dizer-se que é como um regresso ao “mundo real” depois de muito se insistir que o género é uma construção cultural. OOF vêm na ideia de que os seres humanos são também objectos uma forma de fugir à prisão da subjectividade. OOF vêm lembrar que muitos humanos não veem nada para celebrar na sua objectificação.

Nos Estudos Feministas disse-se durante muito tempo que “o pessoal é político”. As OOF dizem que o “impessoal” também deve ser tido em conta. A solidariedade cultivada pelo feminismo deve sustentar-se no plano dos objectos e não dos sujeitos, dada a tradição masculinista, heteronormativa e colonialista do conceito de subjectividade. Tendo em conta a tradição feminista de atribuir valor aos espaços interiores, o que o OOF faz é transportar a floresta dos objectos para o mundo doméstico. O papel do erotismo também deve ser realçado, neste contexto abolindo fronteiras entre sujeitos e objectos e propiciando “coligações absurdas” entre vários tipos de seres.

OOF centra-se sobre o modo como a objectificação acontece. Neste âmbito, qual é o significado de uma auto-objectificação da mulher? Qual é o potencial de uma política feminista que não requer transformação e se satisfaz com o modo como os seres permanecem objectos?

OOF promove uma política do impessoal e do impercetível, opondo-se àqueles que apelam à visibilidade das identidades. Em vez de procurarem destacar-se, as OOF cultivam uma política de imersão.

Behar deixa a ressalva: apesar de a ideia de abandonar a subjectividade racionalista e estender a solidariedade feminista aos não humanos seja de louvar, na prática poderá não passar de uma aspiração. Também a ideia de objectificação humana, apesar de iluminadora, poderá acabar por não ser libertatória.

No seu capítulo para a antologia, “Facing Necrophilia or Botox Ethics”, Behar posiciona-se contra a fetichização da conectividade (que ainda deteta no trabalho de alguns teóricos da OOF) e respetivas concepções de vida, uma tendência que apelida de “vivofilia”. Para resistir ao antropocentrismo destas noções abstratas de vida, devemos assumir uma perspectiva de “necrofilia” e olhar para nós próprios/as como se estivéssemos mortos/as. É isso que fazem as “body artists” que Behar estuda neste texto. Orlan, por exemplo, recorre à cirurgia plástica para transformar o seu rosto numa obra de arte, uma colagem de fragmentos de vários bustos clássicos (queixo da Venus de Boticelli, testa da Mona Lisa de Da Vinci). Recorrendo à teoria da “plasticidade” de Catherine Malabou, Behar diz-nos que o corpo aparece, no trabalho de Orlan, como algo mesmo moldável e resistente, inflexível na afirmação da sua materialidade e na rejeição de simbolismos gino- e antropocêntricos. Orlan opta por uma posição de humildade que realça o carácter descartável do sujeito. No seu próprio trabalho enquanto artista, Behar escolhe uma forma mais quotidiana de resistência: usa o Botox (normalmente associado à vaidade e desejos de transcendência) para transformar a sua cara, obstruindo a conectividade entre nervos e músculos. O Botox reprime as expressões faciais, inviabilizando um posicionamento ético à la Levinas,

abordagem emblemática da “vivofilia” que Behar quer criticar e contrariando a ideia de que o feminismo deve ser aberto e hospitaleiro. Em vez do pedido de compaixão Levinasiano (“don’t kill me”), Behar opta pela auto-destruição (“I’ll kill myself”) como posicionamento ético capaz de fazer justiça à natureza irredutível dos objectos.

### **1.2. Palavras-chave**

Novos Materialismos; Estudos Feministas

Grupos Intersexualidades e Transmedialidades

### **Para citar esta ficha de leitura:**

**João Paulo Guimarães** (2018), ficha de leitura do artigo: Behar, Katherine, ed, (2016), *Object Oriented Feminism*. Minnesota UP.